

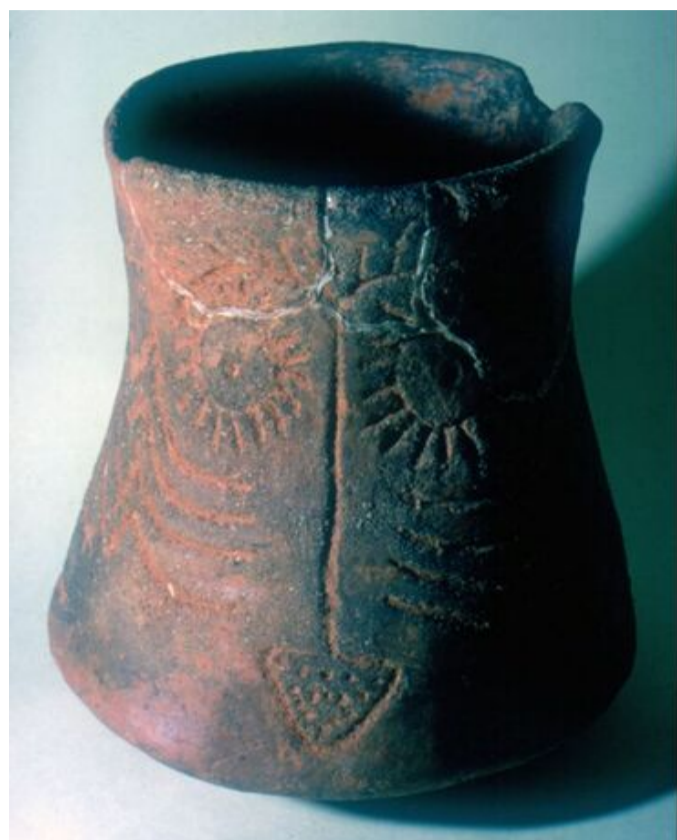


# uniarq digital

**BOLETIM nº59**  
**JANEIRO 2022**

# PEÇA DO MÊS

## Vaso com decoração simbólica



O vaso do Monte do Outeiro, antes do restauro realizado. Arquivo OVF/JLC. Foto © João Luís Cardoso.

**Proveniência:** *Tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel)

**Cronologia:** Calcolítico (meados/segunda metade do 3.º milénio a.C.)

**Direcção dos trabalhos:** Abel Viana, O. da Veiga Ferreira, Rui Freire de Andrade

**Descrição:** Vaso de barro com decoração simbólica antropomórfica de tipo esquemático, correspondendo tipologicamente a um “copo”, forma característica do Calcolítico Inicial da Estremadura, mas que perdurou em exemplares de menor apuro técnico e decorativo, no Calcolítico Pleno/Final. Os atributos são os mesmos dos representados nos exemplares antropomórficos do Sudoeste peninsular, com ocorrências mais esparsas na Estremadura portuguesa, em diversos suportes: falanges de cavalo, cilindros de calcário e, mais raramente, recipientes cerâmicos. Estão presentes os elementos faciais que ocorrem naqueles exemplares, produzidos a traço: sobrancelhas, olhos radiados (possuindo o centro da íris assinalado com um ponto), e tatuagens sub-oculares, dispostas simetricamente em duplo arco quebrado, de ambos os lados e a partir de uma linha de simetria vertical correspondente ao nariz. Esta linha encontra-se rematada, na base, por triângulo púbico, preenchido interiormente por impressões punctiformes representando as inserções pilosas. A toda a volta da parede, em torno da base do vaso, e abaixo do bordo, observam-se duas bandas horizontais preenchidas interiormente por triângulos púbicos semelhantes ao anterior, dispostos alternadamente para cima e para baixo. O barro

utilizado é friável e a técnica decorativa é pouco elaborada, conforme já tinha sido referido pelos autores da primeira publicação que o refere.

Dimensões – altura: 120 mm; diâmetro da abertura: 90 mm; diâmetro na base: 120 mm.

**Comentário:** Este vaso constitui uma das expressões mais notáveis da representação da divindade feminina calcolítica em recipientes peninsulares, através da replicação do triângulo púbico. Este atributo ocorre também em outro tipo de suportes, como cilindros de calcário (com destaque para exemplar único do povoado pré-histórico de Leceia, definido por linhas incisas), cilindros de barro com triângulo púbico preenchido por pontos impressos, como é o caso de exemplar de Vila Nova de São Pedro, ou ainda, em representações esquemáticas incisas, em pesos de tear de barro, de Vila Nova de São Pedro e de Outeiro Redondo, Sesimbra), ou simplesmente no lábio de recipientes lisos de bordo espessado provenientes do povoado pré-histórico de Leceia.

No caso, trata-se de uma oferenda funerária, associada ao princípio da fecundidade/ regeneração, explicando-se assim a sua presença na sepultura colectiva de onde provém. No entanto, alguns exemplares provêm de contextos domésticos, sendo de destacar o fragmento de vaso proveniente do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), relacionado provavelmente com cultos domésticos, a par de outros exemplares, especialmente cilindros de calcário, presentes em povoados calcolíticos da região estremenha.

A ocorrência de vasos rituais com a representação de triângulos púbicos preenchidos interiormente por impressões punctiformes encontra-se registada em diversos povoados calcolíticos do centro e sul do território português, como é o caso do de Moita da Ladra e do de Corte de João Marques. Por outro lado, a representação da face humana oculada é conhecida numa área mais alargada merecendo destaque um exemplar recolhido no povoado de São Lourenço (Chaves), comprovando a ampla circulação da ideologia associada a estas representações antropomórficas. No Alentejo, é de há muito conhecido o exemplar da Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz), possuindo também os pares de olhos radiados característicos, que se junta a outros recipientes funerários do levante peninsular, com destaque para os recolhidos na necrópole calcolítica de Los Millares (Los Millares 4, 15 e 37).

**Local de depósito:** Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG)

### Bibliografia:

ANDRADE, M. A.; COSTEIRA, C. & MATALOTO, R. (2021) – À sua imagem e semelhança. De deuses. Ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.º e 3.º milénios a.n.e. no Sul de Portugal. *Ídolos Olhares milenares O estado da arte em Portugal*. P. Bueno Ramírez & J. A. Soler Díaz, coord. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 213-247.

CARDOSO, J. L. (1995) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.



O vaso do Monte do Outeiro, conforme se encontrava exposto na vitrina do Museu dos antigos serviços Geológicos de Portugal. Arquivo OVF/JLC. Foto © João Luís Cardoso.

- CARDOSO, J. L. (2009) – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 73-96.
- CARDOSO, J. L. (2010) – Cult artifacts from the Neolithic and Chalcolithic settlement of Leceia, Oeiras, Portugal. In Gheorghiu, D.; Cyphers, A. ed., *Anthropomorphic and zoomorphic miniature figures in Eurasia, Africa and Meso-America*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series, 2138, p. 37-41.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- FERREIRA, O. da Veiga (1962) – Manifestações de Arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72(3/4), p. 365-375.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*, 2 vols. Lisboa: INIC.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JORGE, S. O. (1986) – *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves-V.ª P.ª de Aguiar*, 2 vols. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Tafeln. Berlin: Walter de Gruyter & CO.
- VALERA, A. (2021) – Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Ídolos Olhares milenares O estado da arte em Portugal*. P. Bueno Ramírez & J. A. Soler Díaz, coord. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 201-211.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961) – Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71(3/4), p. 247-254.

**João Luis Cardoso**